

CONSUMO DE DROGAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL

Drug use in pandemic times: reflections on mental health impacts

Rayssa Madalena Feldmann 

Mestranda em Promoção da Saúde pelo Programa de Pós-graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil
rayssafeldmann@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1911-7228>

Edna Linhares Garcia 

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo, SP, Brasil
edna@unis.br

 <https://orcid.org/0000-0002-9542-6340>

Suzane Beatriz Krug 

Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, RS, Brasil
skrug@unis.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2820-019X>

A lista completa com informações das autoras está no final do artigo 

RESUMO

Um novo tipo de coronavírus, causador de uma doença infecciosa denominada COVID-19, com grande taxa de transmissibilidade, espalhou-se pelo mundo. A população recebeu a orientação de ficar em casa, em situação de isolamento social, de forma a não atuarem como vetores de transmissão do vírus para os indivíduos de maior vulnerabilidade. A pandemia do novo coronavírus trouxe efeitos sociais, econômicos e psicológicos em todo o mundo. Apesar de serem medidas necessárias, deve-se levar em consideração os impactos do isolamento social à saúde mental da população. Este estudo visa refletir sobre os efeitos da quarentena e o aumento dos comportamentos aditivos neste período de pandemia, trazendo as implicações destes para a saúde mental e física da população. Trata-se de uma revisão narrativa de artigos, reportagens e capítulos de livros publicados desde o início da pandemia, sendo as principais bases de dados *Medline*, *SciELO* e *Scopus Elsevier*. Os achados apontam que a quarentena tem impactado negativamente tanto na saúde mental quanto física da população, desencadeando sintomas psicológicos como ansiedade, depressão e comportamentos aditivos; além disso, podem despertar sentimentos como tristeza e raiva, podendo ser pontuais ou se estenderem após o término do isolamento. Entretanto, existem estratégias e intervenções que, quando adotadas em conjunto, podem minimizar os efeitos psicológicos do isolamento e fazer desse momento menos adoeecedor. Nesse sentido, este estudo ressalta a importância da oferta, nos sistemas públicos de saúde, de tratamentos interdisciplinares e estratégias de saúde pública eficazes, de modo que possam atender as necessidades da população, ofertando cuidado, tratamento de maneira integral, pensando ainda em ações de prevenção aos comportamentos aditivos a curto, médio e longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19. Pandemia. Saúde Mental. Drogas. Isolamento Social. Comportamentos Aditivos.

ABSTRACT

A new type of coronavirus, causing an infectious disease called COVID-19, with a high rate of transmissibility has spread around the world. The population was told to stay in their homes, in social isolation, so as not to act as vectors of virus transmission to more vulnerable individuals. The pandemic of the new coronavirus has brought social, economic, and

psychological effects all over the world. Although these are necessary measures, the impacts of social isolation on the mental health of the population must be taken into consideration. This study aims to reflect on the effects of quarantine and the increase of addictive behaviors in this period of pandemic, bringing the implications of these for the mental and physical health of the population. This is a narrative review of articles, reports and book chapters published since the beginning of the pandemic, the main databases being Medline, Scielo and Scopus Elsevier. The findings point out that quarantine, has negatively impacted both the mental and physical health of the population, triggering psychological symptoms, such as anxiety, depression and addictive behavior, in addition, can arouse feelings such as sadness and anger, and may be punctual or extend after the end of isolation. However, there are strategies that, when adopted together, can minimize the psychological effects of isolation and make this moment less unhealthy. In this sense, this study highlights the importance of offering interdisciplinary treatments and effective public health strategies in public health systems, so that they can meet the needs of the population by providing comprehensive care and treatment, and by considering short, medium, and long-term actions to prevent addictive behaviors.

KEYWORDS: COVID-19. Pandemic. Mental Health. Drugs. Social Isolation. Addictive behaviors.

1 INTRODUÇÃO

Um novo tipo de coronavírus, causador de uma doença infecciosa denominada COVID-19, com grande taxa de transmissibilidade, espalhou-se pelo mundo (GUO *et al.*, 2020). No Brasil, o primeiro caso foi relatado no final de fevereiro de 2020, estando decretado estado de quarentena desde o dia 7 de fevereiro de 2020, em virtude da Lei n. 13.979/2020 (BRASIL, 2020a). A partir disso, municípios e estados decretaram emergência de saúde pública e estabeleceram que locais como escolas, igrejas, praças, clubes, bem como outros lugares que possibilitem aglomerações de pessoas fossem fechados. A população recebeu a orientação de ficar em casa, em situação de isolamento, sem contato com o mundo externo, principalmente de forma a não atuarem como vetores de transmissão do vírus para os indivíduos de maior vulnerabilidade, como idosos, imunodeprimidos e pessoas com comorbidades (BRASIL, 2020b).

Com o objetivo de contribuir com a redução nos impactos da pandemia, realizando uma queda no pico de incidência e do número de mortes, diversos países em todo o mundo adotaram medidas como o isolamento de casos suspeitos, fechamento de escolas e universidades, distanciamento social de idosos e outros grupos de risco, assim como quarentena de toda a população (BROOKS *et al.*, 2020; FERGUSON *et al.*, 2020).

Contudo, as sensações e as percepções do isolamento social não têm sido vivenciadas por todas as pessoas de forma cômoda (PREUSS; PEROTTI; SHUCK, 2020). Izaguirre-Torres e Siche (2020) apontam que tal situação tem gerado um estresse mental intenso; afirmam que mesmo os indivíduos que não sofreram com as emergências da COVID-19 poderão ser afetados pelos efeitos da pandemia, como estresse, ansiedade, depressão, podendo desencadear ainda algum transtorno mental. Acrescentam que, em geral, a população confinada em suas casas tem encontrado dificuldades para lidar com o turbilhão de emoções e sentimentos que este momento tem suscitado, como irritabilidade,

insônia, medo, confusão, raiva, solidão, frustração, tédio, entre outros. Nesse sentido, os efeitos da quarentena podem intensificar as dificuldades e fragilidades que já estavam presentes anteriormente (PREUSS; PEROTTI; SHUCK, 2020).

Para Mota (2020), o isolamento social no mundo todo tem se apresentado como um fator de risco para diferentes problemas de saúde mental, incluindo suicídio, autoagressão, abuso de álcool e outras drogas, jogos de azar, violência doméstica e abuso sexual. Frente a tal cenário, diversos autores (PREUSS; PEROTTI; SHUCK, 2020; IZAGUIRRE-TORRES; SICHE, 2020; GALEA; MERCHANT; LURIE, 2020) têm alertado para possível aumento e/ou desencadeamento de comportamentos aditivos como forma de aliviar os sentimentos negativos do isolamento social; citam o consumo de álcool e outras drogas, uso de medicações psicotrópicas sem prescrição médica, as compulsões alimentares e os comportamentos relacionados ao uso indiscriminado de internet. Reardon (2015) traz que, durante as epidemias, o número de pessoas as quais a saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela própria infecção.

Entretanto, salienta-se que, para conter a disseminação do vírus, o colapso dos serviços de saúde por conta das internações, a falta de suprimentos e buscando preservar a saúde da população, diversos especialistas recomendaram uma série de medidas, entre elas a quarentena — também popularmente denominada isolamento social (VASCONCELOS *et al.*, 2020). Apesar de serem utilizados como sinônimos, vale ressaltar que a quarentena e o isolamento social diferem-se, pois o primeiro termo refere-se ao período em que há a restrição de circulação de indivíduos que estejam potencialmente expostos a um determinado agente infeccioso; já no segundo, indivíduos infectados são isolados de pessoas saudáveis para evitar a contaminação e propagação do vírus (WILDER-SMITH; FREEDMAN, 2020; COOMES; LEIS; GOLD, 2020).

Na esteira dessas prerrogativas, compreende-se a necessidade e importância do isolamento social, assim como a quarentena, considerando que, na ausência de uma vacina contra a COVID-19 e/ou outras intervenções farmacêuticas naquele momento, foi necessário avaliar outras medidas e parâmetros de saúde pública, estas capazes de frear e reduzir as taxas de contato e, conseqüentemente, a transmissão do vírus (FERGUSON *et al.*, 2020). Ainda que o isolamento social e a quarentena sejam as medidas encontradas para preservar a saúde física dos indivíduos durante esse tempo, é indispensável refletir também sobre seus impactos para a saúde mental, bem como a sua promoção através da indicação de estratégias de enfrentamento que visam minimizar os efeitos deletérios. Tomando essas questões como ponto de partida, o presente ensaio visa refletir sobre os

efeitos da quarentena e o aumento dos comportamentos aditivos no período de pandemia, trazendo reflexões sobre suas implicações para a saúde mental da população.

Apesar de todas essas contribuições, parece haver uma carência de estudos que discutam a relação da importância do isolamento social e da quarentena como protetivos à saúde física e, conseqüentemente, à saúde mental.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo reflexivo, realizado a partir da estruturação de uma revisão narrativa da literatura, sobre o aumento dos comportamentos aditivos no período de pandemia e seus impactos para a saúde mental e física da população. As reflexões aqui problematizadas partiram da leitura e análise das autoras à luz da literatura pertinente à temática de pesquisa. Como parte do processo construtivo deste estudo, foi realizada uma busca nas bases de dados *Medline* (via *Pubmed*), *SciELO* e *Scopus Elsevier*, utilizando os descritores “*pandemics*”, “*coronavirus*”, “*mental health*” e “*addictive behaviors*”, além de capítulos de livros e reportagens que contemplassem a referida temática. Cabe ressaltar que a estratégia de combinação foi feita a partir do operador booleano “*AND*”. A pesquisa foi realizada no mês de maio de 2020 e, por se tratar particularmente de um tema novo, não foi definido um período específico para publicação dos artigos utilizados.

3 CORRELACIONANDO A COVID-19

A preocupação com a saúde mental da população e os impactos do isolamento social cresce frente a uma difícil crise social e de saúde, como é o caso da pandemia de COVID-19, que tem se qualificado e configurado como um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo. É importante ressaltar que a população brasileira pode sofrer com os impactos psicológicos, econômicos e sociais em vários níveis de intensidade e gravidade (Fundação Oswaldo Cruz [FIOCRUZ], 2020).

3.1 COVID-19 e os impactos do isolamento social

O novo coronavírus pertence a uma família de vírus causadores de infecções respiratórias; foi descoberto em dezembro de 2019, após o registro dos primeiros casos na

China (BRASIL, 2020b). O vírus (2019-nCoV) trata-se de uma nova cepa que ainda não havia sido identificada em humanos. Os coronavírus são zoonóticos, ou seja, são transmitidos entre animais e pessoas (ZHOU *et al.*, 2020). Os primeiros achados de coronavírus em humanos foram em 1937, sendo nomeados no ano de 1965, em decorrência do perfil microscópico, semelhante a uma coroa. Acredita-se que a replicação do vírus ocorra primariamente no epitélio da mucosa do trato respiratório superior, na cavidade nasal e faringe, com maior taxa de multiplicação na mucosa gastrointestinal e no trato respiratório inferior, ocasionando uma viremia branda (XIAO *et al.*, 2020). A infecção ocasionada pelo novo coronavírus geralmente manifesta sintomas como febre, tosse e fadiga, que, em alguns casos, pode estar acompanhada por coriza, dor de cabeça, entre outros sintomas (HUANG *et al.*, 2020a).

A rápida progressão da epidemia, bem como a proliferação e o excesso de informações acerca do assunto, muitas vezes contraditórias, se classificam como um campo facilitador para mudanças comportamentais que podem impulsionar o adoecimento psicológico (QIAN *et al.*, 2020; LIMA *et al.*, 2020). Pode-se proferir que, junto à pandemia da COVID-19, manifesta-se um estado global de pânico social, e a sensação de isolamento desperta sensações como medo, insegurança e angústia, que podem prolongar-se mesmo após o controle do vírus (HOSSAIN *et al.*, 2020). Em casos de confinamento e isolamento social, ressalta-se a necessidade de promoção de ações voltadas ao comportamento seguro, com destaque para o autocuidado. Todavia, atentamos, neste momento de enfrentamento à contaminação, a proliferação de problemas relacionados à saúde mental (BROOKS *et al.*, 2020).

Em situações de quarentena e isolamento social impostas no passado, observou-se um cenário com aumento da violência social, suicídio, bem como a manifestação de sintomas de estresse dias após a implementação da quarentena (THE LANCET, 2020). Situações anteriores, como a epidemia de Ebola, por exemplo, apontaram que as implicações para a saúde mental podem apresentar maior prevalência e durar mais tempo que a própria epidemia, fazendo com que os impactos psicossociais e econômicos sejam imensuráveis ao considerarmos sua repercussão em diferentes contextos (SHIGEMURA *et al.*, 2020; REARDON, 2015).

No surto epidêmico de Ebola, os sobreviventes relataram essencialmente medo de morrer, de infectar outras pessoas, de se afastar ou sofrer abandono nas relações com familiares e amigos, bem como estigmatização social (HALL; HALL; CHAPMAN, 2008). Por outro lado, os profissionais da saúde reportaram, principalmente, medo de contrair a doença

e, ainda, transmiti-la a seus familiares, assim como o sofrimento pelo fato de estarem afastados de seus lares, estresse, sensação de perda de controle e de desvalorização, além de preocupação com o tempo de duração da epidemia (HALL; HALL; CHAPMAN, 2008).

Pelo fato de se tratar de uma situação nova, estudos sobre as implicações da pandemia de COVID-19 acerca da saúde mental ainda são escassos, mas apontam para repercussões negativas significativas. Estudos realizados anteriormente sobre outros surtos infecciosos mostraram desdobramentos desadaptativos; em curto, médio e longo prazo; para a população em geral, bem como para os profissionais da saúde (JIANG *et al.*, 2020; TAYLOR, 2019). Em 2003, durante a epidemia de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), que foi ocasionada por um diferente tipo de coronavírus, evidenciou-se que as implicações psicológicas em decorrência da doença foram maiores que as implicações médicas, em termos de número de pessoas afetadas e tempo de duração que elas foram afetadas (TAYLOR, 2019).

Experiências anteriores sugerem a importância de garantir acesso aos cuidados de saúde mental, buscando personalizar o nível e o tipo de intervenções dirigidas a quem deles necessitarem, bem como promover a integração do atendimento psicológico e médico. Ao passo que se visualiza as implicações psicológicas dos efeitos do isolamento social e/ou da quarentena para a saúde mental e relações sociais, compreende-se que, por hora, essas foram as medidas de segurança, prevenção e não propagação do vírus encontradas para frear o contágio da doença, mortes e superlotação dos serviços. Desse modo, articular e integrar os cuidados com a saúde física e mental, pode ser uma estratégia de prevenção e promoção de saúde valiosa para lidar com os problemas advindos desse período (BLANCO, 2020).

Os autores; Xiang *et al.* (2020) sugerem, especificamente para esse cenário da pandemia de COVID-19, que três importantes fatores sejam considerados ao pensar em estratégias de saúde mental: equipes multidisciplinares de saúde mental (como psiquiatras, psicólogos clínicos, entre outros profissionais de saúde mental); comunicação clara com contínuas atualizações acerca do surto de COVID-19; e o estabelecimento de serviços seguros e de qualidade para o aconselhamento psicológico (por exemplo, via dispositivos ou aplicativos eletrônicos).

Para Leite (2020), nós somos seres sociais e necessitamos de relações para nos constituirmos enquanto seres humanos; essa condição está presente desde o nosso nascimento e é através dessas interações que aprendemos a internalizar as normas, os

valores familiares e as regras sociais, que organizam nosso modo de agir em sociedade e nossa própria identidade. Debruçado nessas considerações, o autor nos lembra que essa condição de isolamento e/ou a quarentena acaba por fragilizar os enlaces sociais, podendo, ainda, acarretar impactos psicológicos significativos a curto, médio e longo prazo.

Frequentemente, em discussões sobre isolamento social, diversos autores usam conceitos distintos, como retraimento social, evitamento social, inibição, timidez e, em geral, buscam sua implicação na saúde mental — seja do indivíduo que buscou espontaneamente o isolamento, ou aquele que foi isolado do grupo do qual participava (LEITE, 2020). No momento atual, devido à pandemia causada pelo novo coronavírus, o governo brasileiro sancionou a Lei n. 13.979, em 07 de fevereiro de 2020, a qual permitiu às autoridades adotarem diversas medidas de forma a evitar a proliferação da COVID-19, dentre elas o isolamento social compulsório (LEITE, 2020).

Uma pesquisa transversal foi realizada por Huang *et al.* (2020b) sobre a saúde mental da população chinesa durante a epidemia com base na Web. A coleta de dados reuniu 7.236 voluntários, com avaliação de informações demográficas, relacionadas à COVID-19, Transtorno de Ansiedade Generalizada-7 TAG (GAD-7), Escala do Centro de Epidemiologia para Depressão (CES-D) e *Pittsburgh SleepQuality Index* (PSQI). Da amostra total, a prevalência geral de TAG, sintomas depressivos e qualidade do sono foram 35,1%, 20,1% e 18,2%, respectivamente, sendo que jovens relataram maior prevalência de TAG e sintomas depressivos do que idosos.

Xiang *et al.* (2020) levantaram questões sobre as consequências para a saúde mental de pacientes e da equipe de saúde que atende na linha de frente a pandemia de COVID-19, devido ao pouco conhecimento de dados epidemiológicos sobre saúde mental e transtornos psiquiátricos dos casos suspeitos ou confirmados com o novo coronavírus e seus tratamentos. Os pesquisadores observaram que pacientes com confirmação ou suspeita de COVID-19 podem manifestar sentimento de medo das consequências da infecção por um vírus potencialmente fatal, bem como aqueles em quarentena podem sentir raiva, tédio e solidão. Junto a isso, sintomas decorrentes da infecção, como febre, tosse, falta de ar, bem como efeitos colaterais ao tratamento, como insônia, por exemplo, poderiam agravar o quadro de ansiedade e sofrimento mental.

No texto “Como eu enfrentei minha ansiedade por coronavírus”, Liu (2020) realiza uma narrativa em que descreve seus sentimentos, como um morador da província de Xuzhou, na China, a cerca de 500 quilômetros de Wuhan, o epicentro da COVID-19. O autor menciona que sentiu dificuldade para dormir e concentrar-se no trabalho. Para

relaxar, ouviu gravações contendo orientações do taoísmo (doutrina mística chinesa), porém não conseguiu reduzir sua ansiedade. Uma medida que o autor colocou em prática foi dar aulas pela internet, o que ele diz ter trazido uma alegria inesperada. Liu encerra sua narrativa apontando que “Não há problema em ficar ansioso”, e recomenda ficar aberto a mudanças: “Você nunca sabe o que aprenderá”.

As autoras têm a percepção de que, para além dos contextos associados à COVID-19, o tempo de isolamento, em paralelo com as emoções, está vinculado à subjetividade e à personalidade de cada um, de acordo com a sua relação com o mundo, bem como a dificuldade de se inserir na sua nova forma de cotidiano social. Diante disso, estar com as emoções intensificadas traz para o cotidiano um sofrimento recorrente acerca da indefinição, da imprevisibilidade e das condições de quarentena e isolamento social impostas pela pandemia da COVID-19. Dessa forma, é de grande relevância a busca por estudos que construam medidas efetivas, interdisciplinares e integrativas para o bem-estar coletivo.

3.2 Comportamentos aditivos e suas implicações para saúde mental

Para Preuss, Perotti e Shuck (2020), o mundo vivencia um período de crise e confusão marcado pela COVID-19. Crise possível de ser visualizada na economia, na educação, na saúde, mas, sobretudo, uma crise humanitária. Frente ao atual cenário, especialistas têm chamado atenção para o aumento do consumo de substâncias psicoativas e de comportamentos aditivos durante o isolamento social ocasionado pela COVID-19; apontam que tais comportamentos podem provocar ou até mesmo agravar as dependências de álcool, jogos e medicações psicotrópicas como benzodiazepínicos, antidepressivos e ansiolíticos sem prescrição médica (UNIVERSIDADE FM [UFM], 2020). Entende-se por comportamento aditivo ou dependência qualquer atividade, substância, objeto ou comportamento que tenha se tornado foco principal da vida do sujeito, que acaba por afastar e/ou excluir a pessoa de outras atividades como trabalho, estudos, lazer, e que pode acarretar prejuízos físicos, mentais e/ou sociais (ALVES, 2016).

Dedicada aos comportamentos aditivos e dependências em tempos de pandemia, conferencistas do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD, 2021) verificaram, através de uma pesquisa realizada com 125 participantes que envolveu uso de álcool, internet e os videogames, o impacto negativo da

pandemia na saúde mental dos jovens. A pesquisa revelou que o consumo de álcool, ansiolíticos e antidepressivos afeta de maneira mais considerável os grupos socialmente mais vulneráveis; as razões mencionadas para a diminuição e para o aumento do consumo de álcool durante a pandemia foram, respectivamente, a diminuição dos eventos sociais e de grupos e mais tempo livre de obrigações e responsabilidades. Em relação ao impacto da pandemia da COVID-19 no que se refere à internet, refletiu-se no aumento do tempo on-line, sobretudo para o trabalho, enquanto os jogos on-line aumentaram em pouca proporção; verificou-se uma maior preocupação das figuras parentais com o tempo disponível para permanecer on-line do que propriamente com o conteúdo acessado.

A temática dos comportamentos aditivos durante a pandemia tem sido abordada por meio de campanhas, notícias e reportagens pelos setores públicos de saúde, devido aos impactos que tais comportamentos podem provocar à saúde física e mental dos sujeitos. Em relação ao contexto da pandemia da COVID-19 no mundo, estudiosos têm alertado para o possível aumento nos casos de depressão, ansiedade, uso de substâncias e violência doméstica, ressaltando ainda que, devido ao fechamento das escolas, existe uma possibilidade muito real de uma epidemia de abuso infantil (GALEA; MERCHANT; LURIE, 2020).

De acordo com uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas (ABEAD), houve um aumento de 38% nas vendas em distribuidoras de bebida, e de 27% nas lojas de conveniência desde a instituição do decreto da pandemia no país. Os impactos acerca do consumo excessivo de álcool, levando em consideração os efeitos no sistema imunológico e na saúde física e mental dos indivíduos, levaram a Organização Mundial da Saúde (OMS) a recomendar que a venda de bebidas alcoólicas durante a pandemia da COVID-19 fosse limitada. No Brasil, entretanto, não houve a instituição de uma política de restrição de vendas de bebidas alcoólicas, com exceção do fechamento de bares e demais estabelecimentos comerciais em decorrência das medidas de isolamento (PARANÁ, 2020).

Uma consequência relacionada ao acréscimo do consumo de álcool pode ser observada nas relações familiares, com o aumento dos casos de violência doméstica. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) apontou em levantamento realizado que, ainda que seja visualizada uma diminuição nos registros de boletins de ocorrência (BO) de casos de violência doméstica, o número de óbitos relacionados ao feminicídio aumentou — no estado de São Paulo, por exemplo, o crescimento foi de 46% na comparação entre março de 2020 e março do último ano. A pesquisa também aponta um aumento de 431%

nos relatos realizados na rede social *Twitter* sobre discussões entre vizinhos nos meses de fevereiro a abril deste ano. A FBSP aponta que “é importante ressaltar que o álcool aumenta a probabilidade de respostas agressivas em meio a uma discussão e diminui a capacidade cognitiva das pessoas, por isso é um dos principais fatores criminógenos para entender violência” (PARANÁ, 2020).

Além dos problemas psicológicos acarretados pelo uso excessivo de álcool, a substância pode trazer ainda implicações para a saúde física dos indivíduos, podendo levar a sintomas de abstinência com risco de vida. Paralelamente ao isolamento, a depressão e o uso de álcool são considerados fatores de risco para o suicídio, que também pode ser desencadeado por outros determinantes sociais. Ainda, trazendo as consequências do álcool, evidencia-se que seu uso excessivo pode provocar agravos no sistema imunológico, aumentando assim a suscetibilidade de uma pessoa à pneumonia, tornando a população usuária particularmente exposta e vulnerável ao COVID-19 (MOTA, 2020).

Mota (2020) acredita que, para lidar com a ansiedade e a insônia causadas por este período de isolamento social, o consumo de outras substâncias deve ocorrer, como o de medicamentos benzodiazepínicos e maconha. A literatura esparsa sobre as consequências para a saúde mental das epidemias relaciona-se mais às sequelas da própria doença do que aos efeitos do próprio isolamento social. Entretanto, denota-se que os desastres em larga escala, sejam eles traumáticos, naturais ou ambientais, são quase sempre acompanhados por aumentos de casos de depressão, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), transtorno por uso de substâncias, uma ampla gama de outros transtornos mentais e comportamentais, violência doméstica e abuso infantil (GALEA; MERCHANT; LURIE, 2020). Mota (2020) traz que, nos tempos de incerteza, privação do direito de ir e vir e todo estresse ocasionado pelo isolamento social, pode ocorrer um aumento no uso indevido de álcool, recaídas e até desenvolvimento de transtornos por uso de álcool; sendo uma substância de fácil acesso, o álcool é frequentemente usado para lidar com emoções negativas.

Embora a bibliografia ainda seja incipiente e escassa quando se trata da prevenção de agravos à saúde mental em situações de pandemia e isolamento social, a ciência e estudos anteriores realizados em outros cenários de catástrofes e epidemias nos levam a acreditar que três etapas são fundamentais para prevenir o aumento dos agravos em saúde mental e as sequelas associadas à pandemia.

Primeiramente, é necessário planejar ações de intervenção que incidam diretamente sobre a solidão e suas sequelas, à medida que as pessoas se isolam física e socialmente

em decorrência do isolamento. O uso de tecnologias pode ser uma boa ferramenta para reduzir a distância social durante o período de pandemia. Estruturas normais nas quais as pessoas se reuniam anteriormente — sejam igrejas, academias —, podem adotar a medida de atividades on-line em um horário semelhante ao que estava em vigor antes do distanciamento social. Alguns observadores notaram que o alcance que envolve voz e/ou vídeo é superior ao e-mail e às mensagens de texto; por isso, o contato visual de modo on-line deve ser priorizado nesse momento. Devemos lembrar também de atingir, através das conexões, as pessoas tipicamente marginalizadas e isoladas, incluindo idosos, imigrantes sem documentos, sem-teto e pessoas com transtornos mentais, pois sabe-se que mesmo com todas essas medidas, ainda haverá segmentos da população que permanecerão solitários e isolados (GALEA; MERCHANT; LURIE, 2020).

Segundo, é indispensável que tenhamos mecanismos de vigilância, denúncia e intervenção, principalmente quando se trata de violência doméstica e abuso infantil, pois, nesse momento, indivíduos em risco de abuso podem ter oportunidades limitadas de relatar ou procurar ajuda. Desse modo, os sistemas de denúncias e os serviços sociais precisarão ser criativos em suas abordagens. E, por fim, a terceira etapa se refere à ampliação dos serviços de saúde mental em preparação aos desafios causados pela pandemia. Os serviços de saúde mental terão que se reinventar e aperfeiçoar as suas práticas, de modo que consigam atender a demanda já existente e as que emergirão, fornecendo um cuidado de qualidade e atenção integral aos usuários (GALEA; MERCHANT; LURIE, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo discorreu sobre alguns aspectos psicossociais ocasionados pela pandemia de COVID-19 e suas consequências em processos psicológicos, emocionais e interpessoais. As reflexões acerca das dificuldades psicológicas, emocionais e interpessoais nas populações, decorrentes da disseminação da pandemia com início no ano de 2019 na China e que se alastrou velozmente pelo mundo todo, permitem chamar atenção para, além dos aspectos físicos e biológicos, os aspectos transversais da saúde em todos os níveis sociais.

O isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19, sem dúvidas, tem trazido impactos para saúde mental e física da população. O aumento dos comportamentos aditivos tem se apresentado como uma forma disfuncional de enfrentamento ao sofrimento,

que se caracteriza como uma estratégia de fuga e/ou válvula de escape frente ao momento estressor e angustiante imposto pela pandemia.

Os estudos sobre os impactos do isolamento social para a saúde mental da população ainda são incipientes, tendo em vista que a pandemia da COVID-19 se trata de uma temática recente e sem precedentes. Evidenciou-se que grande parte dos estudos considerados para a presente revisão tendenciaram a uma leitura subjetiva do fenômeno — isolamento social e da quarentena —, hierarquizando os impactos na dimensão psíquica sobre a dimensão biológica do ser humano. Frente a isso, avaliamos a importância e necessidade de refletir sobre a carência de estudos que contemplem o indivíduo em uma perspectiva integral e como um ser biopsicossocial, bem como se debruçem a problematizar a relevância dessas medidas como meios de controle do vírus.

Desse modo, denota-se um olhar atento e urgente por parte dos estudiosos, pesquisadores e setores públicos de saúde, assistência social, educação, entre outros. Ainda, se faz necessário que as ações e estratégias de saúde pública dirigidas ao público que sofre em decorrência desses comportamentos sejam repensadas, de modo que possam atender as necessidades desses sujeitos, oferecendo cuidado e tratamento integral, promovendo ações de prevenção aos comportamentos aditivos a curto, médio e longo prazo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Filipe A. Noção de comportamento aditivo. *In: Curso Profissional de Técnico de Apoio Psicossocial*. 2. ed. Mértola, Portugal: Silo.tips, 2016. Disponível em: <https://silo.tips/download/1-noao-de-comportamento-aditivo> Acesso em: 30 mar. 2022.

BLANCO, Carlos; WALL, Melanie M.; OLFSON, Mark. Psychological aspects of the COVID-19 pandemic. *Journal of general internal medicine*, v. 35, n. 9, p. 2757-2759, 2020.

BRASIL. Lei n. 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF: MS, 2020a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/lei/L13979.htm. Acesso em: 30 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública. **Boletim epidemiológico infecção humana pelo novo coronavírus (2019-nCoV)** — Semana Epidemiológica 16. Brasília, DF: MS; SVS, 2020b.

BROOKS, Samantha K. *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, n. e10227, p. 912–920, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32112714/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

COOMES, Eric A.; LEIS, Jerome A.; GOLD, Wayne L. Quarantine. **CMAJ**, v. 192, n. 41, p. E1247–E1247, 2020.

FERGUSON, Neil *et al.* Report 9: Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID-19 mortality and healthcare demand. **Imperial College London**, p. 1–20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25561/77482>. Disponível em: <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/Imperial-College-COVID19-NPI-modelling-16-03-2020.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ — FIOCRUZ. **Cartilha de saúde mental e atenção psicossocial** — informações gerais. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>. Acesso em: 30 mar. 2022.

GALEA, Sandra; MERCHANT, Raina M.; LURIE, Nicole. As consequências para a saúde mental do COVID-19 e o distanciamento físico. **JAMA Internal Medicine**, v. 180, n. 6, p. 817–818, 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/fullarticle/2764404>. Acesso em: 30 mar. 2022.

GUO, Yan-Rong *et al.* The origin, transmission and clinical therapies on coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak — an update on the status. **Military Medical Research**, v. 7, n. 11, p. 1–10, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32169119/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

HALL, Ryan C. W.; HALL, Richard; CHAPMAN, Márcia J. The 1995 Kikwit Ebola outbreak: lessons hospitals and physicians can apply to future viral epidemics. **General Hospital Psychiatry**, v. 30, n. 5, p. 446–452, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.genhosppsych.2008.05.003>. Acesso em: 30 mar. 2022.

HOSSAIN, Md Mahbub *et al.* Epidemiology of mental health problems in COVID-19: a review. **F1000Research**, v. 9, p. 636, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7549174/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

HUANG, Chaolin *et al.* Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. **Lancet (London)**, v. 395, n. 10223, p. 497–506, 2020b. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31986264/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

HUANG, Xiaoyi *et al.* Epidemiology and clinical characteristics of COVID-19. **Archives of Iranian Medicine**, v. 23, n. 4, p. 268–271, 2020a. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32271601>. Acesso em: 30 mar. 2022.

IZAGUIRRE-TORRES, Délia I.; SICHE, Raúl. Covid-19 disease will cause a global catastrophe in terms of mental health: a hypothesis. **Hipóteses médicas**, v. 143, p. 109846, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0306987720309737?via%3Dihub>. Acesso em: 30 mar. 2022.

JIANG Xixi *et al.* Psychological crisis intervention during the outbreak period of new coronavirus pneumonia from experience in Shanghai. **Psychiatry Research**, v. 286, p. 112903, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112903>. Acesso em: 30 mar. 2022.

LEITE, Isabelle D. C. Ser humano em tempo de isolamento social. *In*: BARBOSA, L.; MELO, M.; ALBUQUERQUE, E. N.; ECHEVERRIA, A. (Orgs). **Estratégias de enfrentamento, reflexões e orientações na pandemia COVID-19**. Recife: FPS, 2020, p. 6-7. Disponível em: <http://repositorio.fps.edu.br/bitstream/4861/324/1/estrategias%20pandemia%20.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

LIMA, Carlos K. T. *et al.* The emotional impact of Coronavirus 2019-nCoV (new Coronavirus disease). **Psychiatry Research**, v. 287, p. 112915, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165178120305163>. Acesso em: 30 mar. 2022.

LIU, Kai. How I faced my coronavirus anxiety. **Science**, v. 367, n. 6485, p. 1398. Disponível: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32193330/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

MOTA, Pedro. Avoiding a new epidemic during a pandemic: The importance of assessing the risk of substance use disorders in the COVID-19 era. **Psychiatry Research**, v. 290, p. 113142, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165178120314931?via%3Dihub>. Acesso em: 30 mar. 2022.

PARANÁ. Ministério Público. **Uso de álcool e outras drogas é tema da campanha**. Curitiba: MPPR, jun. 2020. Disponível em: <http://www.mppr.mp.br/2020/06/22635,10/Uso-de-alcool-e-outras-drogas-durante-a-pandemia-e-o-tema-da-campanha.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

PREUSS, Fernanda C.; PEROTTI, Eduardo D.; SCHUK, Anderson L. E como ficam nossos desejos? Um olhar psicanalítico sobre a pandemia do COVID-19. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste**, v. 5, p. e24162–e24162, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/24162/14241>. Acesso em: 30 mar. 2022.

QIAN, Mengcen *et al.* Psychological responses, behavioral changes and public perceptions during the early phase of the COVID-19 outbreak in China: a population based cross-sectional survey. **MedRxiv**, 2020. Disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.02.18.20024448v1.full.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

REARDON, Sara. Ebola's mental-health wounds linger in Africa. **Nature**, v. 519, p. 13–14, 2015. Disponível em: https://www.nature.com/news/polopoly_fs/1.17033!/menu/main/topColumns/topLeftColumn/pdf/519013a.pdf. Acesso em: 30 mar. 2022.

SERVIÇO DE INTERVENÇÃO NOS COMPORTAMENTOS ADITIVOS E NAS DEPENDÊNCIAS — SICAD. **CAD em tempos de pandemia: Pistas de ação**, foi o tema escolhido para a sétima videoconferência do SICAD. Lisboa, Portugal: SICAD, 2021.

Disponível em:

https://www.sicad.pt/pt/Paginas/detalhe.aspx?itemId=445&lista=SICAD_NOVIDADES&bkUrl=BK/. Acesso em: 30 mar. 2022.

SHIGEMURA, Jun *et al.* Public responses to the novel 2019 coronavirus (2019-nCoV) in Japan: mental health consequences and target populations. **Psychiatry and Clinical Neurosciences**, v. 74, n. 4, p. 281–282, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/pcn.12988>. Acesso em: 30 mar. 2022.

TAYLOR, Steven. The psychology of pandemics: preparing for the next global outbreak of infectious disease. **Newcastle upon Tyne: Cambridge scholars publishing**, 2019. Disponível em: <https://cambridgescholars.com/product/978-1-5275-3959-4>. Acesso em: 30 mar. 2022.

THE LANCET. COVID-19: Protecting health-care workers (Editorial). **The Lancet**, v. 395, n. e10228, p. 922, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30644-9](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30644-9). Acesso em: 30 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FM — UFM. Consumo de substâncias e comportamentos aditivos aumentam com o confinamento. Vila Real, Portugal: UFM, 2020. Disponível em: <https://www.universidade.fm/consumo-de-substancias-e-comportamentos-aditivos-aumentam-com-o-confinamento>. Acesso em: 30 mar. 2022.

VASCONCELOS, Cristina Silvana S. *et al.* O novo coronavírus e os impactos psicológicos da quarentena. **Revista Desafios**, v. 7, n. Especial-3, p. 75-80, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/8816/16731>. Acesso em: 30 mar. 2022.

WILDER-SMITH, Annelis; FREEDMAN, David O. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. **Jornal of Travel Medicine**, v. 27, n. 2, p. 1–4, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32052841/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

XIANG, Yu-Tao *et al.* Timely mental health care for the 2019 novel coronavirus outbreak is urgently needed. **Lancet Psychiatry**, v. 7, n. 3, p. 228-229, 2020. Disponível em: <https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366%2820%2930046-8/fulltext>. Acesso em: 30 mar. 2022.

XIAO, Fei *et al.* Evidence for Gastrointestinal Infection of SARS-CoV-2. **Gastroenterology**, v. 158, n. 6, p. 1831–1833, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32142773/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

ZHOU, Peng *et al.* Discovery of a novel coronavirus associated with the recent pneumonia outbreak. **bioRxiv**, v. 21, n. 1, p.1–9, 2020. Disponível em: <https://www.biorxiv.org/content/10.1101/2020.01.22.914952v2>. Acesso em: 30 mar. 2022.

NOTAS

Rayssa Madalena Feldmann

Mestranda em Promoção da Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde – mestrado e doutorado, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Brasil

rayssafeldmann@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1911-7228>

Edna Linhares Garcia

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente nos programas de Programa de pós-graduação em Promoção da Saúde – mestrado e doutorado e no Programa de pós-graduação em Psicologia - mestrado profissional da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Brasil

edna@unis.br

<https://orcid.org/0000-0002-9542-6340>

Suzane Beatriz Krug

Doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente no programa de Programa de pós-graduação em Promoção da Saúde – mestrado e doutorado da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Brasil

skrug@unis.br

<https://orcid.org/0000-0002-2820-019X>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Dona Carlota, 1284. Faxinal. CEP: 96840-536, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: R. M. Feldmann, E. L. Garcia, S. B. Krug

Coleta de dados: R. M. Feldmann

Análise de dados: R. M. Feldmann, E. L. Garcia

Discussão dos resultados: R. M. Feldmann, E. L. Garcia, S. B. Krug

Revisão e aprovação: R. M. Feldmann, E. L. Garcia, S. B. Krug

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para

assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Javier Ignacio Vernal e Silmara Cimbalista

HISTÓRICO

Recebido em: 10-02-2022 – Aprovado em: 19-05-2022 – Publicado em: 31-05-2022